



CARLA RAMALHO

Nasceu em Évora, em 1976. Acredita que foi por ter nascido alentejana que lhe veio o gosto pela escrita – a prosa das gentes e a poesia da planície tinham de extravasar. Licenciou-se em Sociologia e trabalha há vários anos na área social. A investigação, a formação profissional e os projetos de desenvolvimento local já a fizeram viajar um pouco pelo país. Até pela Europa. Mas é sempre à escrita que regressa. Nunca deixou de escrever. Para si, acima de tudo. E para os mais chegados que, simpaticamente e sem pensarem muito nas consequências, lhe elogiaram continuamente o jeito. Surge agora o seu primeiro romance.

CARLA RAMALHO

PELAS RUAS
DE UMA CIDADE
SEM NOME

coolbooks

*Para o Pedro:
Há sonhos que nos estão reservados. Segue-os.*

I

De olhos fechados tudo é mais fácil. Tudo se esconde. Tudo pode deixar de existir, mesmo continuando lá.

E porque será que fechamos os olhos? Seja por um segundo, uma hora ou uma noite? Porque será que nos impele esta necessidade de deixar de ver? De fechar o mundo? De cerrar a alma? Porque somos feitos assim, dirão uns, sem mais detalhes; porque Deus nos fez assim, aventarão outros, com todos os detalhes remetidos para divina vontade; porque fechar os olhos é importante para lubrificar o globo ocular ou fazer descansar o cérebro, concluirão os mais científicos, crentes de que todos os detalhes se explicam na perfeição lógica do funcionamento da máquina humana. Nestas coisas das explicações – de nós e do mundo –, há sempre muitas teorias e respostas. Cada um apresenta a sua: estes movidos por aquilo que leram, aqueles pelo que ouviram dizer, e outros ainda por um propósito em comprovar qualquer coisa. Em colocarem o mundo a seu jeito. A jeito das suas vontades. E é assim que as teorias brotam. Explicações nascem. E o mundo corre.

Para Madalena a explicação é simples. Se lhe perguntarem o porquê de fecharmos os olhos, a resposta surge quase como um esgar de ar que lhe sai do peito, permitindo que continue a palpitar pelo dia seguinte: *de olhos fechados tudo é mais fácil. Tudo se esconde. Tudo pode deixar de existir, mesmo continuando lá.*

A luminosidade que entra pela janela é baça, oculta recantos do quarto. Os pontos de luz natural que resistem incidem naquela espécie de bailado – corpus nus em cama vestida de branco. Os gemidos

surgem tímidos, espaçados, mais por aquecimento de vontades do que por qualquer tipo de pudor. Desde que comprou aquela cama que os *diálogos* voltaram a fluir, sem constrangimentos de ruídos de fundo, sem prosas indiscretas, apenas o esperado – resultante do encontro de corpos, dos seus ritmos e desejos. Só no domínio do espírito um monólogo teima em imperar. Madalena *fecha os olhos* e refugia a sua alma em parte incerta. Deixa todo o espaço para que as outras almas que ali se deslocam, transportadas por corpos crestados, solitários ou desejosos, se assim o quiserem, tomem conta do local. Exprimam-se. Concedam asas à imaginação. Façam uma festa ou um velório, como melhor lhes aprouver. Mas não contem com a dela. Há coisas que uma mulher pode partilhar, pode vender, pode negociar. Um corpo é um bem dessa natureza. Uma alma não. Não restem dúvidas.

A cama vai e vem, agora num ritmo mais rápido, até que, finalmente, lança âncora e atraca. Porto seguro? Pelo menos as águas estão calmas e os ventos de ânsia de corpo feminino, que há pouco sopravam, estão quietos. Pacificaram.

Abre os olhos e veste-se, apesar de continuar nua. Olha para o lado e afaga o seu companheiro de *viagens*. Nem precisa de lhe perguntar se gostou. Já o conhece de outras tempestades: foi o terceiro a chegar até ela; o terceiro a desfrutá-la; o terceiro que a deixou em lágrimas. Por esta ordem. Por este abandono.

– Qualquer dia pergunto à tua vizinha de baixo quanto é que leva pelo serviço completo. Raio da velha que dá conta de tudo!
– atira Mário, bancário, casado e pai de três.

– Dá conta de ti porque vens nas horas em que ela está acordada. A partir das oito acho que se apaga – responde Madalena, ao mesmo tempo que sorri e ajeita a blusa.

– A essa hora, já eu estou em funções familiares, minha linda – retribui, enquanto sobe os *boxers* e ajeita a razão principal que ali o trouxe. – E sabes que sou eu que arrumo sempre a cozinha a seguir ao jantar? Pois é! E se for preciso, ainda dou uma ajuda a Matemática ao meu filho do meio. O 9.º ano é tramado.

– Acredito que és um excelente marido. Tão bom marido como amante!

Mário olha para ela e sorri. Algo surpreendido. Não percebeu ao certo se era elogio ou crítica. Mulheres são terríveis a dizer o contrário daquilo que pensam. E mesmo as putas não perdem o jeito.

II

O sol já teima em esconder-se por detrás da sexta colina. Vista de lá, a sombra parece querer tomar conta da cidade. A luz natural caminha, vagarosa, em direção a outras gentes, a outros casarios, deixando na sua passagem uma ameaça de quietude que não tardará. Deste lado, o sol parece ainda resistir; concentra a sua força nos últimos raios que iluminam telhados e que aquecem roupas esquecidas em estendais, pedaços de vida que secam à sua mercê.

Madalena sai de casa e caminha pela calçada. O ar quente refresca-lhe a alma. O vento esvoaça-lhe os cabelos – soltos. E os óculos que coloca na cara, ao fim de meia dúzia de metros andados, são a prova de que, por aqui, neste lado da colina, nesta parte da cidade, nesta vida em concreto, o dia ainda acontece. Tem algumas horas até à próxima marcação. Desde que se mudou para aquela casa, alugada, segundo andar de um prédio na Graça, o dia a dia ficou mais facilitado. Os tempos de trabalho na rua já lá vão. As memórias nem por isso. Vivem em si. Possivelmente para sempre... Para sempre.

De memórias um corpo saberá dizer pouco. Para além da evidência universal dos anos que por si passam, tudo o resto parece pouco revelador. A pele, os músculos, a carne têm aquela capacidade inata de se renovarem, de absorverem qualquer mazela que surja pelo caminho, qualquer ferida imposta, não guardando evidentes provas do sucedido. Talvez por imperativos de sobrevivência, um organismo não tem tempo, nem espaço, para fazer o luto de ferida aberta. Só urgência em cicatrizar. Para continuar. Para sobreviver.

Uma alma, por sua vez, vive de memórias. Não existe fórmula, mandamento ou droga que faça uma alma esquecer. Pode ficar atordoadada, pode dispersar por outros caminhos, pode até fingir que tudo está bem, mas não tem capacidade, ou vontade expressa, em branquear seja o que for. Regista tudo, assinala, averba, destaca com marcador fluorescente, coloca *post-it*, deixa ata escrita e assinada. E, implacavelmente, não esquece.

Caminha assim com as memórias das ruas, averbamentos crus e dolorosos, provenientes da convivência com instintos primitivos. «Fato e gravata não são sinónimos de polidez e educação, meninas. Estejam atentas», costumava dizer Maria Guiomar, sempre um passo à frente na apresentação das ruas. E como estava certa.

Passa pela livraria e para junto à montra. Se há algo que a seduz, para além dos fins de tarde, é o mundo que se acha do outro lado daquelas portas: títulos sobre títulos, livros sobre livros, imagens que convidam, frases apelativas e fotografias de escritores.

A Condessa de Ségur já não entra naquelas contas, mas foi a primeira a conduzi-la até lugarejos distantes. Não se lembra de como *A Fortuna de Gaspar* ou o *Génio do Mal* chegaram às suas mãos, quem lhos deu. Pensa que foi uma vizinha que sabia do seu gosto. Apenas guarda bem vivo o ritual de os colocar, ao fim da noite, na mesinha de cabeceira, a alegria de poder dizer que tinha livros de capa dura, sem bonecos, só palavras, e o aceno afirmativo da avó de cada vez que lhe lia pequenos trechos. Havia uma qualquer linha de moral naquelas estórias que agradava à dona Mirta. Mais tarde haveria de lhe tentar ler algumas passagens de Milan Kundera, numa insustentável necessidade de partilhar filosofias que lhe pareciam tão certas. Mas a avó não percebeu. E discordou.

Circula por entre as estantes e acaba por parar junto às novidades. Novos títulos saíram desde a última vez. Entre eles, mais um do *Captain Black*. Já leu duas obras deste autor e gostou. Escrita algo densa, cheia de significados escondidos, nem sempre fáceis de captar, mas sentida. Escrita sentida. Imaginada ou vivida, parecem-lhe estórias de gente real. Das gentes com quem se cruza na fila do supermercado, na entrada para o autocarro ou na esplanada do fim da rua. E é isso que a cativa. Retira o livro da prateleira e começa

a folhear. *Aquilo que Perdemos*. Soa a título de estória com final triste. Personagens presas num labirinto de memórias. Segue até ao prefácio e lê. Confirma, de alguma forma, a impressão causada pelo título, mas retém parte do parágrafo final:

«... envolvidos em lembranças saberão que, também na perda, vive a certeza de que o caminho certo foi o traçado».

Gosta da sonoridade desta certeza. A alma inclina-se mais para a parte da perda. Tema difícil, vasto e caro: a ambas. Resolvem comprar.

Quando sai para a rua, já a noite é uma certeza. Desceu finalmente. A cidade, matreira, deixou-se ficar muito quieta, envolta por ela. Disfarçada de pedra. Com candeeiros em ferro, suspensos no ar, a fingirem-se de estrelas. Achará certamente que a sua virtude estará preservada. Protegida de más intenções e de gente duvidosa. E Madalena inveja-a por isso.